

Portuñol, sujeito e sentido: efeitos de uma política educacional em Noite nu Norte

Sara dos Santos Mota¹

Resumo: Este trabalho apresenta uma reflexão inserida na pesquisa que estamos desenvolvendo em nossa tese de doutorado, em que nos voltamos para o portunhol e sua materialização no domínio da escrita recortando textos impressos na língua. A perspectiva que adotamos propõe tratar dessa prática linguística por um viés dos estudos da linguagem, mais especificamente, da Semântica da Enunciação (GUIMARÃES, 2005; STURZA, 2006). O portunhol que trazemos para este artigo é uma prática linguística enunciada na fronteira uruguaio-brasileira, designado mais recentemente nas pesquisas de cunho sociolinguístico dedicadas a descrever a situação das línguas na região como uma variedade do português uruguaio falada em Artigas (BEHARES, 2010). Ao abordar o portunhol, buscamos trabalhá-lo intrinsecamente relacionado a uma reflexão conceitual sobre a fronteira e o modo como esta constitui o funcionamento enunciativo da língua. Para tal, tomaremos alguns recortes de poemas do escritor artiguense Fabián Severo publicados no livro *Noite nu Norte. Poemas en Portuñol* (SEVERO, 2010), procurando analisar como certas políticas educacionais e seus efeitos projetam sentidos movimentados nos enunciados, que significam uma determinada relação língua-sujeito vivida no espaço fronteiriço.

Palavras-chave: portuñol; enunciação; sentidos; política educacional; fronteira.

Abstract: This work presents a reflection set in the research we have been developing in our doctoral's thesis, in which we address *Portunhol* and its materialization in writing using printed texts for this purpose. We have adopted a perspective which proposes to deal with this linguistic practice by means of the Semantics of Enunciation (GUIMARÃES, 2005; STURZA, 2006). The *Portunhol* we bring to this paper is a linguistic practice seen in the border Brazil-Uruguay, more recently designated in sociolinguistic researches which describe the situation of the languages in the region as a variety of Uruguayan

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria e professora assistente na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA).

Portuguese spoken in Artigas (BEHARES, 2010). In addressing *Portunhol*, we aim to work it related to a conceptual reflection on the border and the way it constitutes the functioning of the language. We have taken some fragments of the poem by Fabián Severo, a Uruguayan poet, from the book *Noite nu Norte. Poemas en Portuñol* (SEVERO, 2010). We have analyzed how certain educational policies and their effects project senses in the utterances, which mean a language-subject relationship lived in the border.

Keywords: *Portuñol*; utterance; senses; educational policy; border.

Introdução

Este trabalho propõe uma reflexão inserida na pesquisa que estamos desenvolvendo em nossa tese de doutorado, em que nos voltamos para o portunhol e sua materialização no domínio da escrita por meio de recortes de textos impressos nessa língua. Com o objetivo de tratar sobre uma escrita para o portunhol, contemplamos algumas publicações impressas, considerando quatro publicações.

Para o presente texto, apresentamos um recorte de nossa tese doutoral, centrando-nos no portunhol enunciado na fronteira uruguaio-brasileira, a partir da publicação *Noite nu Norte. Poemas en Portuñol*, do escritor uruguaio Fabián Severo. Este portunhol tem sido designado mais recentemente em pesquisas de cunho sociolinguístico dedicadas a descrever a situação das línguas na região como uma variedade do português uruguaio falada em Artigas (BEHARES, 2010). Para tal, nos inscrevemos em uma perspectiva teórica dos estudos da linguagem, mais especificamente, da Semântica da Enunciação, a qual vem sendo delineada por Guimarães (2005; 2006; 2011), Sturza (2006), entre outros pesquisadores. Ao mesmo tempo, dados o espaço em que o portunhol é enunciado e as condições sócio-históricas que o afetam, bem como os sujeitos que o praticam, ao abordá-lo, o tomamos intrinsecamente relacionado a uma reflexão conceitual sobre fronteira e ao modo como esta constitui o funcionamento enunciativo da língua.

No tocante às discussões sobre a fronteira, esta tem sido debatida em diversas dimensões, especialmente, no que diz respeito às políticas linguísticas e sua relação com as políticas educacionais (OLIVEIRA; STURZA, 2012; DALINGHAUS *et al.* 2010; URUGUAI, 2008). Conforme apontam Sturza e Irala (2012), faz-se necessário que a fronteira seja enfocada não apenas em termos geopolíticos, mas também a partir de outras possibilidades. Pensá-la do ponto de vista de “situações de fronteira” configura-se como um modo alternativo de abordagem, pois é preciso considerar que “cada fronteira se configura de um modo distinto e suas condições sócio-históricas e políticas estão determinadas

por dinâmicas diversas, que vão desde sua relação com as políticas do estado nacional até suas práticas locais” (STURZA; IRALA, 2012:1).

Assim, buscando contribuir com a discussão sobre a fronteira, à luz dos estudos da linguagem, procuramos compreender o espaço fronteiriço interessando-nos pelo modo de significar do portunhol enquanto materialidade afetada por condições histórico-sociais específicas, em que políticas educacionais são planejadas e implementadas, incidindo sobre as relações imaginárias entre sujeitos e línguas. Para tal, tomamos alguns recortes de textos publicados em *Noite nu Norte. Poemas en Portuñol*, analisando os sentidos constituídos nos enunciados, que significam a relação língua-sujeito vivida na fronteira.

1 “*Nós falemobrasileiro*” ou portunhol?

Dada a multiplicidade de realidades linguísticas a que a designação portunhol pode referir, é importante pontuar que a prática linguística originada do contato do espanhol e do português em áreas de fronteira tem sido foco da atenção de diferentes pesquisadores nas últimas seis décadas, principalmente quando nos referimos ao portunhol falado na região fronteiriça uruguaio-brasileira. Esse portunhol tem sido descrito e nomeado diferentemente por tais estudiosos. Quanto aos trabalhos realizados nas últimas seis décadas, muitos foram desenvolvidos por estudiosos vinculados a instituições de ensino superior como a *Universidad de la República* (UdelaR), localizada na cidade de Montevideu (Uruguai). Entre os mais destacados estão o pioneiro trabalho de Rona ([1959]1965), que identificou a presença de um *dialecto fronterizo* de base portuguesa no território uruguaio, e especialmente os estudos de Elizaincín e Behares (1981) e Elizaincín, Behares e Barrios (1987), que encontraram na designação DPU (*Dialectos Portugueses del Uruguay*) o modo de nomear as variedades de contato identificadas no país, designação amplamente difundida no meio acadêmico e fora dele².

A obra *Nos falemobrasileiro. Dialectos portugueses en Uruguay*, de 1987, expõe situações linguísticas que até o momento careciam de descrições e precisões terminológicas do ponto de vista acadêmico-científico. Os autores, vinculados à UdelaR, por meio de trabalhos cujos métodos apoiavam-se na

² Os trabalhos aos quais fazemos referencia são: RONA, José Pedro [1959]. *El dialecto Fronterizo Del Norte Del Uruguay*. Montevideu: Librería Adolfo Linardi, 1965; ELIZAINCÍN Adolfo; BEHARES, Luis. Variabilidad morfosintáctica de los dialectos portugueses del Uruguay. *Boletín de Filología de la Universidad de Chile XXXI*, 1, Santiago de Chile, p. 401-417, 1981; e ELIZAINCÍN, Adolfo; BEHARES, Luis H.; BARRIOS, Graciela (1987).

sociolinguística variacionista, colocaram em evidência a existência de variedades dialetais do português na região fronteira do Uruguai com o Brasil, os assim denominados “*Dialectos portugueses del Uruguay*” (DPU).

A descrição dessas variedades colaborou para questionar o imaginário do Uruguai como país monolíngue em espanhol, difundido por discursos oficiais nacionalistas no decorrer do século XX. De acordo com Milán *et al.* (1996), o aparecimento dos DPU deve-se ao contato do espanhol com o português a partir do final do século XIX, em razão da entrada formal do espanhol nas escolas uruguaias, pois, historicamente, na região de fronteira com o Brasil, principalmente no norte e nordeste, predominavam sujeitos monolíngues em língua portuguesa.

É na tese de Carvalho, publicada em 1998, que se propõe pela primeira vez a expressão “português uruguaio”, adotada em trabalhos posteriores da autora³. Mais recentemente, em pesquisas atuais e em textos oficiais tem predominado a designação “português do Uruguai” (BEHARES, 2010; URUGUAI, 2008). Além dos modos de designar aqui elencados, registram-se outros, utilizados principalmente quando os próprios falantes nomeiam a língua que falam. Ao fazê-lo, utilizam expressões como “*fronterizo*”, “*bayano*”, “*brasileiro*”, “*mezcla*” ou “*portuñol*” (MILÁN *et al.*, 1996:140). Conforme Behares (2010a), nas áreas uruguaias tem-se

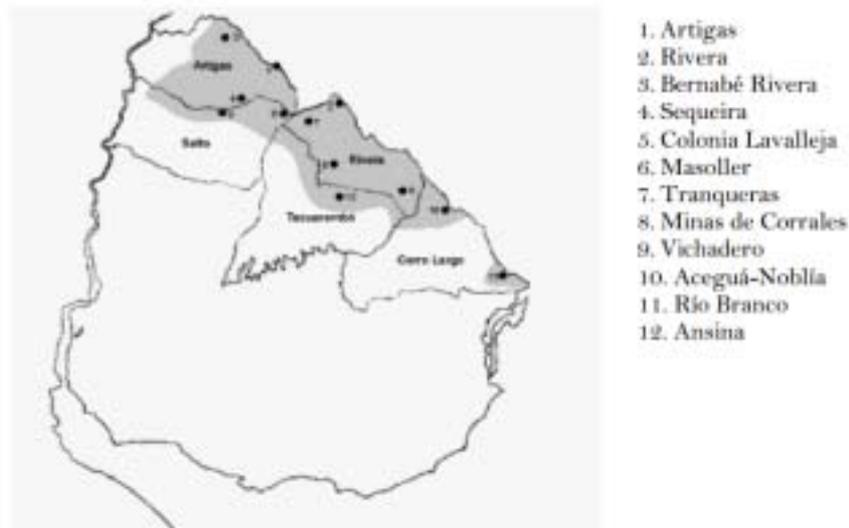
uma sociedade bilíngue de falantes de espanhol como língua materna em conjunto com importantes grupos de falantes de português como língua materna. Ou seja: essas regiões uruguaias têm duas línguas: o espanhol, majoritário no Uruguai e considerado como a língua do Estado (ainda que não a língua oficial), e o português (em sua variante uruguaia, chamado na bibliografia acadêmica e nos documentos oficiais, atualmente, de “português do Uruguai”) (BEHARES, 2010a:63).

O português do Uruguai (que neste trabalho tratamos como *portunhol*) é, então, uma das línguas constitutivas dos sujeitos que compõem a sociedade que habita a fronteira uruguaio-brasileira, isto é, aquelas regiões que formam parte dos departamentos de Artigas, Rivera e Cerro Largo e do extremo sul do estado do Rio Grande do Sul. É interessante destacar que como característica desse espaço geopolítico, encontram-se as denominadas cidades gêmeas, pares de localidades fronteiriças que se estabeleceram uma adjacente à outra (por exemplo, Rivera-Santana do Livramento, RíoBranco-Jaguarão, Aceguá-Acegua,

³ Por exemplo, cf. Carvalho (2003).

Chuy-Chuí⁴). Quanto às cidades uruguaias, algumas foram fundadas ainda como vilas na metade do século XIX, como parte de uma política nacional que visava conter o avanço luso-brasileiro no território do país. No que se refere à atual distribuição territorial do português do Uruguai, apresenta a seguinte distribuição segundo a *Administración Nacional de Educación Pública* (2008:337) (Ver Mapa 1).

Como uma língua não gramatizada⁵, historicamente, o portunhol que circula na fronteira uruguaio-brasileira circunscreve-se mais amplamente ao domínio da oralidade na sociedade fronteiriça, ao mesmo tempo em que sua enunciação encontra lugar em situações de familiaridade e/ou afetividade por parte de seus falantes. No entanto, registram-se também textos redigidos em portunhol, como as letras de canções do compositor riverense Chito de Mello, reunidas na publicação intitulada “rompidioma”, ou o livro de poemas *Noite nu Norte. Poemas en Portuñol* (2010), de autoria do escritor Fabián Severo, obra na qual nos focamos para análise da materialidade linguística do portunhol no domínio da escrita.



Mapa 1 – Distribuição atual do português do Uruguai no território uruguaio (URUGUAI, 2008:337)

⁴ Convém pontuar que na fronteira Chuy-Chuí, a cidade uruguaia localizada no departamento de Rocha não se inclui na área de presença do português uruguaio (URUGUAI, 2008; BEHARES, 2010a). No entanto, dada a contiguidade de ambas as cidades e a coexistência das duas línguas, é comum que palavras e construções em português e em espanhol constituam a enunciação de seus falantes, prática linguística que também costuma ser referida como ‘portunhol’ (ver AMARAL, 2008).

1.1 Voiscrevélaslebransa pra no isquesé: Noite nu Norte. Poemas en Portuñol

Lançada em sua primeira edição no ano de 2010, na cidade uruguaia de Artigas, a obra reúne cinquenta e sete poemas escritos em *portuñol*, conforme nomeia seu autor (Figura 1). De acordo com Behares (2010:10), no prólogo que faz a obra de Severo, o poeta apresenta uma interessante tentativa de escrita do que para esse pesquisador seria uma “*variedad ágrafa del portugués con mayor o menor influencia del español*” utilizada no cotidiano de sujeitos que residem em Artigas. Para Behares (2010), o que ocorre é um processo de “transliteração”, que a transforma em uma “entidade” totalmente distinta, mas que continua remetendo à sua existência na fala. Conforme apontamos anteriormente, Behares define essa “variedade” de um ponto de vista teórico da sociolinguística, situando-a como uma das línguas que caracteriza a situação linguística da região fronteira uruguaio-brasileira, cuja área uruguaia caracteriza-se por apresentar uma sociedade bilíngue em espanhol e portunhol.

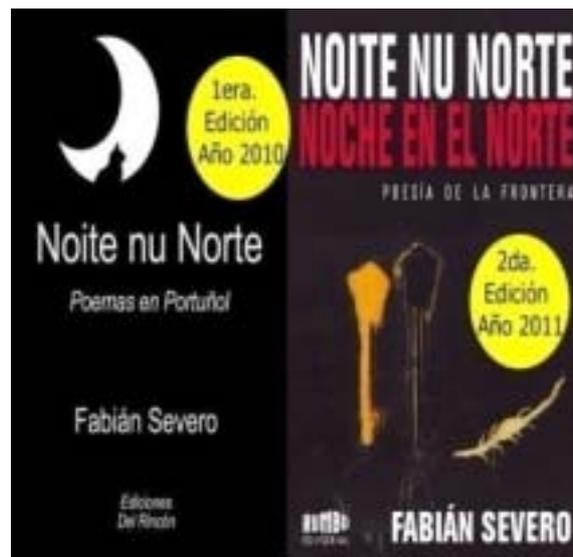


Figura 1- Capa de *Noite nu Norte*, 1ª e 2ª ed.

Desse modo, o que sociolinguistas como Behares (2010) e Carvalho (2007) referem como uma “variedade do português uruguaio” é designada como *portuñol* por Severo (2010) em *Noite nu Norte. Poemas en Portuñol*, cuja publicação apon-

⁵ Aqui utilizamos o termo “gramatizada” a partir da noção de gramatização proposta por Auroux (1992). O portunhol é não gramatizado na medida em que carece de instrumentalização, isto é, não está ‘fixado’ em instrumentos linguísticos (gramáticas e/ou dicionários).

ta para a literatura como um espaço de circulação desse portunhol, na medida em que se configura como uma produção inscrita (e escrita) na língua.

É, então, de uma perspectiva teórica enunciativa (GUIMARÃES, 2005; 2006; 2011; STURZA, 2006) que lançamos nosso olhar teórico para o portunhol, tomando dois poemas de Severo (2010). Através da seleção de alguns enunciados, analisaremos a constituição de sentidos que se produz no espaço de enunciação fronteiriço, considerando as condições histórico-sociais da fronteira uruguaio-brasileira, principalmente no que diz respeito à constituição de políticas educacionais e seus efeitos sobre a relação sujeito-língua evidenciada nesse espaço de línguas e falantes.

2 O portunhol de uma perspectiva da Semântica da Enunciação

Tratar da fronteira de uma abordagem enunciativa constitui-se em um modo de pensá-la e de compreendê-la a partir das relações imaginárias entre os sujeitos que aí vivem e as línguas que circulam no espaço fronteiriço. Ao nos voltarmos para constituição de sentidos que se produzem em um nível enunciativo da maneira como estamos propondo, consideramos a dimensão histórica e social da fronteira, e o funcionamento do político nas relações que nela se estabelecem (GUIMARÃES 2005; 2006; 2011; STURZA, 2006).

Tomamos de Guimarães (2005:11) a noção de enunciação, definindo-se como um acontecimento no qual sujeito e língua relacionam-se, acontecimento determinado pelo político, sendo este o fundamento de todas as relações sociais, “algo que é próprio da divisão que afeta materialmente a linguagem”. Tal divisão é consequência da relação da língua com os falantes e estabelece-se hierarquicamente, distribuindo-a de forma díspar, segundo as relações de importância que as constituem.

Na fronteira, o político organiza as relações entre sujeitos e línguas no “espaço de enunciação fronteiriço” (STURZA 2006), que pode incluir ao mesmo tempo as línguas nacionais de cada país (Brasil e Uruguai), o português e o espanhol, bem como outras práticas linguísticas como o portunhol. Acerca do funcionamento desse espaço, Sturza expõe:

O sujeito enunciativo de práticas linguísticas fronteiriças funciona como figura política que se move entre o eu e o outro. Ou seja, um falante de uma língua nacional frente ao falante de outra língua nacional é afetado pelo imaginário da fronteira como limite entre dois mundos, onde começam, mas também terminam, os domínios de uma outra prática linguística, nem sempre de outra língua nacional (STURZA 2006: 60).

Para nós, entender como se estruturam as relações entre línguas e falantes é fundamental, pois o modo de distribuição que é projetado no espaço de enunciação fronteiriço é regulado por um jogo de poder e de domínio determinado pelo político, configurando-se como um espaço de disputa que se configura também como uma disputa de sentidos. Para tal, é necessário considerar na abordagem que propomos para o que aqui compreendemos como portunhol, uma imbricada reflexão conceitual sobre a fronteira, essencial para compreender o modo como esta constitui o funcionamento enunciativo da língua.

A fronteira tem sido objeto de numerosas abordagens conceituais e assume muitos significados na literatura acadêmico-científica. Neste trabalho, iniciamos enfocando a fronteira e sua relação com o espaço, na medida em que pode ser ela, alternadamente, limite entre territórios e “espaço vivido”. Existem múltiplas maneiras como os sujeitos experimentam as relações com o espaço, seja aquele territorialmente demarcado por limites fixos ou o delineado historicamente pelos fluxos cotidianos. Tais relações os constituem e constituem também as línguas que praticam e sua distribuição na enunciação, afetando sua significação.

Considerar a fronteira como espaço vivido coloca em evidência sua dimensão dinâmica, isto é, aquela que se constrói através dos fluxos, que direcionam as interações de ordem econômica, comercial, cultural e política. Por exemplo, a prática do contrabando é característica da fronteira do Uruguai com o Brasil e orienta o movimento daqueles que *cruzan la línea* frequentemente para adquirir produtos mais baratos do ‘outro lado’. Bentancor (2010) afirma que o contrabando é visto pelos habitantes da fronteira naturalmente, como um processo arraigado nesse contexto social⁶. Do mesmo modo, o comércio legal de produtos importados nos *freeshops*⁷ atrai pessoas de outras lo-

⁶ Costuma-se diferenciar o contrabando que consiste em comprar do outro lado da linha para garantir o consumo diário, amplamente aprovado pela população, do grande contrabando, organizado e de grande escala, apontado como fonte de lucro. Também se destaca o chamado “contrabando formiga”, realizado por aqueles que adquirem uma quantidade média de produtos para comercializá-los em uma área próxima à linha de fronteira, atividade que, na maioria das vezes, é desempenhada como forma de sobrevivência. O contrabando habitualmente aparece como uma prática ilegítima do ponto de vista do Estado, porém – de acordo com observações de Albuquerque (2011) – é legitimada pelas relações sociais que se desenvolvem em nível local.

⁷ Lojas autorizadas a comercializar produtos importados livres de impostos. Na fronteira do Uruguai com o Brasil, essas lojas situam-se em cidades gêmeas, do ‘lado’ uruguaio, como, por exemplo, as que existem nas localidades de Rivera, Río Branco e Chuy.

calidades, que passam a circular frequente ou esporadicamente nas cidades fronteiriças incitadas pelo favorecimento das cotações cambiais.

Esse tipo de dinâmicas que chamamos de *fluxos* mobilizam sujeitos também em relação às línguas. Os sujeitos movem-se entre “línguas de fronteira” (STURZA 2006) – sejam estas línguas nacionais ou práticas linguísticas reconhecidas localmente, como o portunhol – da mesma forma como atravessam a fronteira constantemente. Enforcá-la em uma perspectiva voltada para os fluxos permite-nos ampliar sua compreensão e vislumbrar outras possibilidades de pensá-la. Nessa linha, podemos pensar também em “fronteiras *lato sensu*” quando as concebemos como “fronteiras em movimento”, as quais podem ser estendidas e/ou modificadas (BENTO 2011). Nesse sentido, o portunhol da fronteira uruguaio-brasileira constitui-se como uma “língua-movimento”, já que se configura na travessia entre línguas nacionais, no ir e vir entre o espanhol e o português, e significa a própria fronteira, suas dinâmicas e tensões.

Considerando os fenômenos que caracterizam a situação social e singular⁸ que identifica a fronteira uruguaio-brasileira, é necessário ter em conta que esse portunhol do qual estamos tratando surge historicamente nisso que definimos como espaço de enunciação como consequência de uma política educacional de caráter nacionalista que tem efeito sobre as línguas portuguesa e espanhola.

4. Uma Política Educacional: uma Política Linguística

A partir da segunda metade do século XIX, uma importante parte das propriedades rurais localizadas no norte do Uruguai pertencia a brasileiros que compunham a elite da fronteira do Rio Grande do sul e também possuíam estâncias do outro lado da linha divisória: “Em algumas partes do norte uruguaio, brasileiros chegavam a possuir a maioria das estâncias” (CHASTEEN, 2003: 68). A presença massiva de brasileiros no norte do país passou a constituir-se uma preocupação para as elites intelectuais e políticas de Montevideu a partir de 1860, pois a influência exercida pelos brasileiros manifestava-se em diferentes âmbitos, sendo a língua mais utilizada nessa parte do território oriental o português (SOUZA E PRADO, 2004).

Nessa época, o Uruguai passava por um momento de afirmação política e social que se efetivava, entre outras ações, através da criação de projetos governamentais que buscavam “neutralizar” a presença de brasileiros na re-

⁸ Tomamos a expressão de Albuquerque (2011: 42), segundo a qual “Não existe a fronteira em abstrato, o que existem são situações sociais e singulares de fronteiras”.

gião norte e “orientalizá-la” segundo o imaginário de nação construído por seus dirigentes após a independência. Uma das mais importantes políticas do período foi a reforma educacional iniciada nos anos 70 do século XIX, idealizada por José Pedro Varela, que foi sumamente relevante para promover a pretendida *nacionalização* do território uruguaio, atingindo amplamente a zona fronteira, sobretudo as áreas rurais, um dos seus principais focos (CHASTEEN 2003).

Com a instituição do *Decreto-Ley Reglamento de Instrucción Primaria*, aprovado em 1877, fundamentado na *Ley de Educación Común*, de forte ideal nacionalista, tornou-se obrigatória a educação primária em língua espanhola em todo o país, provocando uma entrada progressiva do espanhol no norte uruguaio. No artigo 38 do documento, de 24 de agosto do referido ano, lê-se: “*En todas las escuelas públicas la enseñanza se dará en el Idioma Nacional*” (apud BEHARES; BROVETTO; 2009: 96). Essa política educacional⁹ implantada por Varela, que ignorou a pluralidade de línguas existente, resultou no surgimento de uma sociedade monolíngue no território nacional e, bilíngue na zona fronteira, pois, até então, a população residente no norte do país era predominantemente lusofalante (BARRIOS; GABBIANI; BEHARES, 1993). Segundo Bertolottiet *al.* (2005:18), o espanhol começa a avançar gradativamente sobre a base linguística portuguesa, originando os chamados DPUs.

Como consequência da referida política educacional, houve modificações no panorama linguístico da região, já que a entrada de uma língua através da educação formal – o espanhol – e seu contato com o português promoveu o aparecimento de outra, o portunhol¹⁰. Nesse sentido, podemos afirmar que, embora não tenha sido especificamente formulada como tal, a política educacional valeriana teve efeitos de uma política de planejamento linguístico (cf. CALVET 2007), alterando a “ecologia das línguas” (cf. LAGARES, 2010) no espaço de enunciação fronteira: “*A finales del siglo XIX el portugués retrocede frente al español como resultado de una política de planificación lingüística que se traduce en el Reglamento de la Instrucción Pública de 1877*” (TORANZA; TRISANT, 2008: 13).

Já ao longo do século XX, registra-se uma escassez de políticas, do ponto de vista do planejamento linguístico, explicitadas em âmbito legal ou jurídico,

⁹ “*Una política educativa no es una sucesión de actuaciones o de decisiones inconexas, ni una lista de cosas concretas a hacer; sino que supone que unas y otras se adoptan con la coherencia de un programa político. El programa político, significa la adopción de unos valores y opciones ideológicas concretas, más que, necesariamente, realizaciones prácticas que un partido concreto en el gobierno espera producir*” (BARBOZA NORBIS, 2007: 12).

¹⁰ Reforçamos nossa opção por designar a língua resultante do contato do português com o espanhol na região fronteira uruguaio-brasileira como *portunhol*.

geridas no sistema estatal. É importante mencionar que o *status* conferido à língua espanhola como língua oficial, isto é, a única língua reconhecida e utilizada pelo estado, não está claramente definido na constituição uruguaia. No entanto, é a única amplamente contemplada em diversos âmbitos, como no educativo quando inserida nos desenhos curriculares de instituições de ensino primário e secundário. (TORANZA; TRISTÁN, 2008; URUGUAI, 2008).

É apenas mais recentemente, na primeira década do presente século, que se constitui a *Comisión de Políticas Lingüísticas en la Educación Pública*, vinculada à *Administración Nacional de Educación Pública* (URUGUAI)¹¹, integrada por uma equipe de especialistas encarregada de traçar políticas linguísticas específicas que contemplem, no sistema educativo, a complexa situação linguística presente no território uruguaio, incluindo a região fronteiriça com o Brasil. (TORANZA; TRISTANT, 2008; URUGUAI, 2008).

Nos documentos publicados por essa comissão, a sociedade fronteiriça é caracterizada como bilíngue e diglósica, em que as línguas não funcionam do mesmo modo para o falante em todos os contextos: o portunhol é a língua enunciada em âmbitos familiares, domésticos e coloquiais; enquanto que o espanhol é enunciado em ambientes públicos, como escritórios, estabelecimentos comerciais, meios de comunicação e instituições educativas (URUGUAI, 2008). Desse modo, a distribuição das línguas e dos falantes pelas línguas no espaço de enunciação é desigual, instalando-se uma divisão que é própria desse espaço de enunciar enquanto espaço político.

Assim, a partir do exposto, interessa-nos analisar os sentidos que são atribuídos na enunciação para o portunhol em alguns textos de *Noite nu Norte. Poemas en Portuñol*, isto é, os sentidos que se constituem na língua e sobre a língua como efeitos da política educacional sustentada pelo estado uruguaio e promovida nos discursos e práticas pedagógicas de suas instituições de ensino.

5. Efeitos de uma Política Educacional em *Noite nu Norte*

Para efetuar a análise, tomamos os poemas “*Treis*” e “*Trintidós*” (ver Anexo) do livro *Noite nu Norte. Poemas en Portuñol* (SEVERO, 2010), selecionando alguns de seus enunciados para analisar o modo como o portunhol está significado. De acordo com a perspectiva teórico-metodológica enunciativa a que nos filiamos (GUIMARÃES, 2005; 2011), referimo-nos às sequências linguísticas analisadas como enunciados, e não como versos; embora reconhe-

¹¹ Na República Oriental do Uruguai, a ANEP, órgão autônomo e desvinculado do Ministério da Educação e Cultura, é a instância responsável por administrar o ensino público e privado, com exceção do ensino superior (SILVEIRA; QUEIROLO, 1998).

çamos o caráter literário da composição, a tomamos como uma textualidade produzida pela enunciação.

Iniciamos por um fragmento do poema “*Treis*” e a análise dos enunciados E1 e E2:

(...)Los Se ninguém,
como eu,
semo da frontera,
neimdaquíneimdalí,
[E1] *no esnoso u suelo que pisamo*
[E2] *neim a língua que falemo* (SEVERO, 2010: 25).

Observamos que o nome “*língua*” aparece em E2. Este se coordena ao enunciado anterior pelo marcador “*neim*”, introduzido pelo negativo “*no*”. Ou seja, o marcador “*neim*” aparece enlaçando ambos enunciados e marca uma relação aditiva entre eles. Podemos dizer que o “*neim*” do segundo enunciado pode ser parafraseado por “*também não*”. Desse modo, a negação estabelecida por “*no*” no primeiro enunciado soma-se a outra negação introduzida por “*neim*” no segundo, o que nos permite afirmar que o sintagma “*esnoso*” afeta também o fragmento “*a língua que falemo*”. Assim, é como se tivéssemos “*neim [esnosa] a língua que falemo*”.

Ainda, acerca dos dois enunciados, voltamo-nos para os sintagmas “*u suelo*” e “*a língua*”, antecidos pelos determinantes “*u*” e “*a*”, que atribuem sentido aos nomes no sintagma por determinação. Ou seja, não é a qualquer “*língua*” ou a qualquer “*suelo*” a que se faz referência, mas sim, uma “*língua*” e um “*suelo*” específicos.

É também importante destacar a relação de predicação instaurada pelas expressões “*que falemo*” e “*que pisamo*”, que constituem o sentido de “*língua*” e de “*suelo*”. Esses sintagmas poderiam ser reescritos, por exemplo, pelas expressões “*falado por nós*” e “*pisado por nós*”. Essa articulação contribui para definir o sentido de língua, pois se trata de uma língua que é falada pelo Locutor (cf. GUIMARÃES, 2005; 2011) e por outros sujeitos do/no espaço a partir do qual se enuncia, uma língua que faz parte da experiência do sujeito em uma coletividade, inscrito nos enunciados pelo possessivo “*noso*” e pelas formas verbais de primeira pessoa “*falemo*” e “*pisamo*”.

Assim, ao mesmo tempo em que o possessivo “*noso*” instaura um sentido de pertencimento da língua em relação ao sujeito-locutor, relação que se mostra pela articulação com “*es*”, os elementos de negação significam a natureza contraditória dessa relação. Pois, embora o sujeito da enunciação, falante de portunhol, seja constantemente atravessado pela língua que fala, marca a

impossibilidade de estabelecer uma relação de pertencimento com essa língua, o que se estende paralelamente a “*suelo*”, pelos procedimentos aqui descritos. Tal negação do pertencimento na relação língua-sujeito remete às relações imaginárias ideológicas e institucionais estabelecidas e ao não reconhecimento social e político do portunhol como língua nacional do Uruguai, que surgem como efeito da política educacional valeriana e da ausência de outras políticas linguísticas no decorrer do século XX, pois o portunhol está significado como uma língua que *no* serve para estabelecer uma identificação do falante como membro da nação uruguaia.

Reproduzimos a seguir um fragmento do outro texto selecionado, “*Trintidós*”:

[E1] *Yo no quiría ir mas en la escuela*
 [E2] *porque la maestra Rita, de primer año*
 [E3] *cada ves que yo ablava*
 [E4] *pidíapra que yo repitiera y disía*
 [E5] *vieron el cantito na vos del, asín no se debe hablar*
 Y todos se rían de mim,
 Como eyapidía que yo repitiera
 yorepitía y eyos volvían se ri.(...) (SEVERO, 2010:60).

Primeiramente, destacamos os indicadores de subjetividade que assinalam a inscrição do sujeito falante de portunhol na língua pela enunciação (“*Yo*”, “*quiría*”, “*yo*”, “*ablava*”, “*mim*”, “*repitiera*”, “*repitía*”). Quanto à relação do sujeito com a língua que o constitui, em [E1], o marcador de negação “*no*”, antecede as formas verbais “*quiría ir*”, trazendo o sentido do conflito, do *rechazo* para essa relação quando tem lugar no contexto institucional de ensino.

Já no segundo enunciado [E2], temos o sintagma nominal “*la maestra Rita*” que introduz na enunciação outro sujeito, um sujeito de quem se fala e mobiliza sentido à “*escuela*”, já que é referido no enunciado como fazendo parte do universo escolar. O sintagma nominal “*de primer año*” surge em relação a este sujeito em uma operação de determinação e atualiza no enunciado sentidos que remetem a uma memória do falante enquanto sujeito submetido a um processo de alfabetização formal promovido no ambiente escolar, momento de contato e apropriação da língua também em sua modalidade escrita.

No terceiro enunciado [E3], a língua do sujeito enunciator – o portunhol – define-se por metonímia, pois sua relação com o sujeito é referida em relação ao domínio da modalidade oral. Ao mesmo tempo, a interdição dessa língua no entorno escolar é dita em [E5] pela introdução da voz da *maestra Rita*, pelo operador negativo “*no*” e pela forma verbal imperativa “*debe*”, que atribuem

sentido à *maestra* e à escola como lugar de regulação da língua, da prescrição, em que se pode estabelecer como se deve ou não falar e, mais do que isso, que língua se deve ou não falar. Por outro lado, é importante observar como o próprio texto do poema contrapõe-se como *válvula de escape* para o portunhol, pois trata da interdição da língua ao mesmo tempo em que está escrito em portunhol. Assim, o portunhol irrompe no enunciado, mesmo quando se introduz a voz da *maestra Rita*, instalando-se uma contradição que é própria desse espaço de enunciar, já que a figura da *maestra* significa o gesto de controle e imposição do espanhol como língua legítima da escola como instituição vinculada ao estado.

5 Considerações finais

Neste trabalho, tratamos do portunhol encontrado na obra *Noite nu Norte. Poemas en Portuñol* a partir de uma inscrição teórico-metodológica na Semântica da Enunciação (GUIMARÃES, 2005; 2006; 2011). Dessa perspectiva, tomamos o portunhol enquanto língua presente no espaço de enunciação fronteiro e afetado no seu funcionamento por condições sócio-históricas específicas e pelo político, fatores estes que determinam o modo como os sentidos são mobilizados. Ao mesmo tempo, propusemos uma reflexão conceitual sobre a fronteira, a qual pretendeu, ainda que de forma incipiente, ampliar a compreensão sobre o fenômeno fronteiro e o modo como se apresenta na região uruguaio-brasileira enquanto “situação social” de fronteira e, como tal, um espaço permeado por dinâmicas específicas. No que diz respeito às línguas, a política educacional valeriana implementada no Uruguai no século XIX acabou surtindo o efeito de uma política linguística que afetou as relações imaginárias e institucionais dos sujeitos com as línguas na fronteira, instaurando o político nessas relações e fomentando o surgimento do portunhol na região.

A partir da análise de alguns enunciados de dois textos contidos em *Noite nu Norte. Poemas en Portuñol*, vimos como a política do estado nacional uruguaio, iniciada no século XIX e perpetuada durante o seguinte século, afetou as práticas locais, pois nos enunciados analisados constituem-se sentidos que surgem como efeitos do político no espaço de enunciação, pois a divisão que afeta materialmente o real – que é como Guimarães define o político¹² – afeta também as línguas e sua significação. Assim, o espaço escolar aparece significado nos textos como um espaço permeado pelo conflito, em que o portunhol é interdito, não havendo espaço para sua prática na escola, pois aí se impõe a *língua nacional*, o espanhol.

¹² A concepção de político formulada por Guimarães desenvolve-se a partir das posições de Rancière e Orlandi a respeito do *político* e da *política* (cf. GUIMARÃES, 2005).

Anexos

TREIS

Noum sei como será nas terrasivilisada,
masein Artigas
viven los que tienen apeyido,
Los Se ninguéim,
como eu,
semo da frontera,
neim daqui neim Dalí,
no es nosso u suelo que pisamo
neim a língua que falemo.
(SEVERO, 2010: 25)

TRINTIDÓS

Yo no quiría ir mas en la escuela
purque la maestra Rita, de primer año,
cada ves que yo ablava
pidíapra que yo repitiera y disía,
vieron el cantito na vos del, asín no se debe hablar
y todos se rían de mim,
comoeyapidía que yo repitiera,
yorepitía y ellos volvían se ri.

Otras ves disíaeya,
en su casa no le lavan la túnica,
no dicen que tiene que cuidarla y tenerla limpita.
Yo no me animavadesirpraeya
que la túnica era del Caio
y que ele me imprestavapurquesinó yo no tiña pra ir.

Yo no podía ir en los paseo porque nunca tiña ropa.
Una vuelta nos iva ir a Beya Unión
prauncampionato de fubol,
yojugava muy bien y mis amigo quirían que fuera
mas como no tiña ni ropa ni campeón,
me vendé el brazo y dise que me avía lastimado
y que puriso no pudíaviayar.
Yo no quiría ir más naiscuela
purquetudo el mundo sabía
que los que ivannel comedor eran los pobre.

Tocava la campana y todos se ivan
y nos se mitfana fila
y todos nos mirava.
Yo tiña vergoña.

Asvés creo que eu so así,
meio tímido, meiovergonsoso,
porque yo sempre era el pobre.
Mi madre dis que vergoña es robar,
y que cuando eyaivana escuela,
tambiéniva en el comedor
y que semprentava se meter dos ves na fila
pra poder agarrar pan y yevapras casa,
y me dis,
acá me ves sana y gorda,
asín que no sintavergüensa mijo.

(SEVERO, 2010: 60-61)

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, José Lindomar. *A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai*. São Paulo: Annablume, 2010.

AMARAL, Tatiana Ribeiro do. *Una comunidad de habla, dos comunidades de lengua: la alternancia de códigos como signo de identidad en la frontera brasileño-uruguayo*. Madrid, 2008. Tese (Doutorado) – FFL/UAM.

AUROUX, Silvayn. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni Pucinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

BARBOZA NORBIS, Lidia. Políticas educativas en formato de “Programas”. *Educarnos 2*, 2007. Disponível em: <http://www.anep.edu.uy/educarnos/educarnos_02/index.html>. Acesso em: 10 jun. 2012.

BARRIOS, Graciela; GABBIANI, Beatriz; BEHARES, Luis E. Planificación y políticas lingüísticas en Uruguay. *Iztapalapa*. Revista de Ciencias Sociales y Humanidades. Políticas del Lenguaje en América Latina. Jan-Jun. Universidad Autónoma Metropolitana, ano 13, n. 29, p.177-190, 1993.

BEHARES, Luis Ernesto. Transliteraciones fronterizas. In: SEVERO, F. *Noite nu Norte. Poemas en Portuguol*. Montevideo: Ediciones Del Rincón, 2010, p. 9-16.

_____. Apresentação. *Pro-posições*, Campinas, v. 21, n.3 (63), p.17-24, set./dez. 2010a.

BEHARES, Luis Ernesto; BROVETTO, Claudia. Referencias al lenguaje en las leyes de educación de Uruguay. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISADORES DE POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS. NÚCLEO DE EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO. ASSOCIAÇÃO DE UNIVERSIDADES GRUPO MONTÉVIDEU, IV, 2009, Santa Maria. Santa Maria: Sociedade Vicente Pallotti, 2009, p. 95-101.

BENTANCOR, Gladys. Una frontera singular: la vida cotidiana en ciudades gemelas: Rivera (Uruguay) y Sant'Ana do Livramento (Brasil). In: NUÑES, A.; PADOIN, M. M.; OLIVEIRA, T. C. M. de (Org.). *Dilemas y diálogos platinos: fronteiras*. Dourados: Ed. UFGD, 2010, p. 73-106.

BENTO, Fábio Régio. Fronteiras: significado e valor. In: BENTO, F. R. (Org.). *Fronteiras em movimento*. Jundiaí: Paco Editorial, 2011, p. 13-30.

BERTOLOTI, Virginia; CAVIGLIA, Serrana; COLL, Magdalena; FERNÁNDEZ, Marianela. *Documentos para la historia del portugués en el Uruguay*. Montevideo: UDELAR, 2005.

CALVET, Louis-Jean. *As Políticas Linguísticas*. Florianópolis; São Paulo: Ipol/Parábola, 2007.

CARVALHO, Ana Maria. *The social distribution of Uruguayan Portuguese in a bilingual bordertown*. Berkeley, 1998. Tese (Doutorado) – University California.

_____. Rumo a uma definição do português Uruguaio. *Revista Internacional de Linguística Ibero-americana* 2, p. 125-150, 2003.

CARVALHO, Ana Maria; BROVETTO, Claudia; GEYMONAT, Javier. Diagnóstico sociolingüístico de comunidades escolares fronterizas en el norte de Uruguay. In: PORTUGUÉS del Uruguay y educación bilingüe. Montevideo: Administración Nacional de Educación Pública, 2007, p. 44-96.

CHASTEEN, John C. *Fronteira Rebelde: a vida e a época dos últimos caudilhos gaúchos*. Trad. Rafael Augustos Sêga, Thelma Belmonte, Elvio Funck. Porto Alegre: Movimento, 2003.

DALINGHAUS, Ione Vier; CENTURIÃO, Eleidinéia; PEREIRA, Maria Ceres. Ensinar português para alunos brasiguaios: um desafio para os professores da fronteira Brasil/Paraguai. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL AMÉRICA PLATINA, III, 2010, Campo Grande. . "Identidade, diversidade e linguagens do território platino". *Fronteira e relações de vizinhança*. Campo Grande: UFMG, 2010, p. 1-9.

ELIZAINCÍN, Adolfo; BEHARES, Luis H.; BARRIOS, Graciela. *Nós falemo brasileiro. Dialectos portugueses en Uruguay*. Montevideo: Editorial Amesur, 1987.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. 2.ed. Campinas: Pontes, 2005.

_____. Enunciação e Política de Línguas no Brasil. *Revista Letras. Espaços de Circulação da Linguagem*, n. 27, p. 47-53, jul./dez. 2006.

_____. *Análise de texto: Procedimentos, Análises, Ensino*. Campinas: Editora RG, 2011.

LAGARES, Xoán Carlos. A situación do galego na perspectiva internacional: a nosa lingua e “os da banda d’alá”. In: SEMINARIO SOBRE LÍNGUA, SOCIEDADE E POLÍTICA EN GALICIA, 2010, p. 1-14. Disponível em: <http://bretemas.blogaliza.org/files/2010/06/Texto_Xoan_Lagares.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2012.

MILÁN, José G.; SAWARIS, Gerri; WELTER, Milton L. El camino recorrido: Lingüistas y Educadores en la Frontera Brasil Uruguay. In: TRINDADE, A. e BEHARES, L. E. (Org.). *Fronteras, Educação, Integração*. Santa Maria: Palotti, 1996, p. 121-195.

OLIVEIRA, Gilvan Muller de; STURZA, Eliana Rosa. “La cor de mi perro es vermelho”: Mapeamento das situações linguísticas nas fronteiras. In: STURZA, E. R.; FERNANDES, I. C. S.; IRALA, V. B. (Org.). *Português e Espanhol: Esboços, Percepções e Entremeios*. Santa Maria: Editora PPGL/UFSM, 2011, p. 129-150.

SEVERO, F. *Noite nu Norte: Poemas en Portuñol*. Montevideo: Ediciones Del Rincón, 2010.

SILVEIRA, Pablo da; QUEIROLO, Rosario. Análisis organizacional: cómo funciona la educación pública en Uruguay. *Ceres Estudios* 6, 1998. Disponível em: <http://www.ceres-uy.org/investigacion/estudios/006_analisis_organizacional.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2012.

SOUZA, Susana Bleil; PRADO, Fabrício Pereira. Brasileiros na fronteira uruguiaia: economia e política no século XIX. In: GRIJÓ, L. A.; KUHN, F.; GUAZELLI, C. A. B. e NEUMANN, E. S. *Capítulos da História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

STURZA, Eliana Rosa. *Línguas de Fronteira e Política de Línguas. Uma História das Ideias Linguísticas*. Campinas, 2006. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas.

_____; IRALA, Valesca Brasil. Políticas Linguísticas e Educacionais para e nas fronteiras: pesquisas e experiências. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM. POLÍTICAS LINGUÍSTICAS: IDENTIDADES, DIÁLOGOS E FRONTEIRAS, I, 2012, Cascavel. *Resumos...* Cascavel: Unioeste, 2012. Disponível em: <http://www.snel.tmp.br/home/wp-content/uploads/2012/03/Simp%C3%B3sios_resumos.pdf>. Acesso em: 05 maio 2012.

TORANZA, Karina. Nossar; TRISTANT, Virginia Solana. *Entre la norma y la descripción: Un didáctica para el Idioma Español en el respeto de los Derechos Lingüísticos en cuanto Derechos Humanos*. Informe final. Fondos concursables. Montevideo: ANEP-CODICEN-DFPD, 2008.

URUGUAI. ANEP. Consejo Directivo Central. *Documentos de la Comisión de Políticas Lingüísticas en la Educación Pública*, Montevideo, 2008.